ÚLTIMA NOTA: PEQUENO TEXTO DE REFERÊNCIA (afirmando o movimento e o corpo: orelha para um livro futuro)

Desejo fazer uma rápida referência a três produtores de arte que de maneira direta se encontram ligados ao debate levantado por este trabalho. São eles: Antonio Manuel, Raimundo Colares e Waly Salomão. O primeiro com suas duas linhas de força - atividades de interferência na imprensa de grande circulação, e a ação/atuação corporal – definidas como elos de relação que entram em contato com a necessidade de produzir atos de resistência como criação.

As chamadas *Urnas Quentes* são um trabalho onde a ação do corpo é o elemento funcional; será nos gestos de ataque, de quebra, de rompimento das caixas que a ação do trabalho vai se constituir. Nesse sentido, os trabalhos de Raimundo Colares se realizam no/pelo/através do movimento. Mais do que tentar descrever os trajetos, suas *Trajétórias* apontam para uma radicalização do significado do movimento; não se está diante de uma simples estruturação geométrica das paisagens realizadas pelos ônibus, está-se diante de movimentos que se materializam nos/pelos movimentos. Em outras palavras, são os trajetos - sem importância de pontos de chegada, sem ligação com o território – que se nomadizam através de seus fluxos poéticos de desterritorialização. O movimento é extraído de sua simples constatação, para ser tornado desejo imperioso de potência de produção e criação.

Nesse sentido também irrompe a produção de Waly Salomão, cujos *Babilaques* são gestos poéticos não-fixáveis. A casualidade imposta pelo devaneio criativo do olhar transforma essa série de poemas-objetos em algo que escapa à possibilidade de ser transformado em mero registro, em mera reprodução, em mera fixidez descritiva. O jogo poético da invenção assume, através do gesto criativo, uma composição que não se quer fixada. Os *Babilaques* são um lance, um jogo de combinações múltiplas que se singularizam a cada olhar, a cada momento que esses olhares são atualizados, a cada realização real do gesto repetido. A repetição é um movimento de afirmação. O retorno do outro modificado, diferenciado. O

movimento é a afirmação do corpo em toda sua carga de corporeidade. É no corpo que os trabalhos de arte e os fluxos de invenção poética são transsubstancializados em ação afirmativa de criação e diferença. É nesse *corpobra* que a resistência é afirmada como única necessidade. Essa resistência que – acima de qualquer coisa - é a insistência da afirmação da vida.